

# Candangolândia

30 AGO 1988

000-000-000

## apela para ter dias melhores

— Alguém enterrou uma cabeça de urubu por aqui.

Isaltina Maria dos Anjos não perdeu muito tempo para explicar a razão de todos os transtornos enfrentados pela população da Candangolândia. Segundo ela, somente um mau agouro pode causar tantos problemas de uma só vez: falta de água, sujeira, insegurança e esgotos estourados. Além de uma poeira constante que tem deixado as crianças com sérias dificuldades respiratórias. “O que se imaginar de ruim nós temos aqui”, conclui.

De acordo com ela, apenas um pai-de-santo pode salvar o assentamento. Mas há quem pense diferente. Domingos Alves Pereira acredita que outras forças têm cacife suficiente para ajudar os moradores: “A polícia daria mais segurança e colocaria os marginais para trabalhar” recomenda, dizendo que se esperar uma solução do Governo a população vai morrer à míngua: “Eles esqueceram de nós. Resolveram uma parte e fugiram para outra área”.

Maria de Souza, mãe de seis filhos, cinco dos quais com “gripe crônica”, pensa diferente. Acreditando no trabalho assistencial da LBA, sonha com um futuro melhor: “Uma moça da LBA falou que ia voltar para ajudar a gente. Só não comprei a fossa por causa disso”. De acordo com técnicos da Caesb o acúmulo de lixo em frente à casa de Maria tem sido um dos causadores dos entupimentos:

“A gente limpa mas não adianta, pois algumas casas não têm cano”.

Para Maria das Graças da Silva, a Caesb realmente tem cumprido seu papel: “Eles trabalham, só que depois as máquinas de terraplenagem estragam tudo”. O técnico da empresa completa o raciocínio: “Não somos culpados pelos erros dos outros. Infelizmente nosso trabalho não tem valido a pena. Tudo parece que é em vão, apesar do esforço”, comenta Abílio Leite.

Em meio às críticas dos moradores, as crianças usam a criatividade para arrumar novas brincadeiras. Usam os esgotos como esconderijos, brincam com a água suja e ainda queimam papéis nos lixos dos motéis próximos a Candangolândia. Com o nariz escorrendo, Manoel de Lima Sobrinho, 11 anos, diz que procura de tudo, as vezes encontra “alguma coisa interessante”.

Revoltada com os constantes problemas de assentamento, Maria Bezerra culpa os políticos pelo descaso à população. Onde mora ainda há vestígios da eleição, época em que os partidos visitavam o local constantemente: “O crescimento fez mal à Candangolândia”, justifica, mesmo reconhecendo que teve lucros na sua mercearia. Há 27 anos na vila, ela sente saudades do tempo em que todo mundo podia andar na rua sem correr o risco de ser assaltado: “Falta muito ainda para sermos um povo civilizado.